



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1487>



As práticas e representações da Companhia de Reis Fernandes – Olímpia/São Paulo (1964-2014)

Pedro Henrique Victorasso*

ORCID iD 0000-0002-8154-3378

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa de Pós-Graduação em História, Assis, São Paulo, Brasil

Resumo: A Folia de Reis, folguedo com características do sagrado e do profano, é um dos festejos religiosos mais populares no estado de São Paulo. O objetivo deste texto é analisar a trajetória da Companhia de Reis Fernandes, fundada por Celso Fernandes que há mais de 60 anos participa das festividades devotas aos Santos Reis na cidade de Olímpia/SP. Para tal, foi realizado um estudo comparativo entre o período em que a peregrinação ocorria na zona rural e, posteriormente, na zona urbana. Nesse sentido, analisamos os símbolos e personagens que compõem as práticas e representações dessa manifestação, repleta de mitos e rituais. Para analisar esses componentes presentes na Folia de Reis, foram utilizados depoimentos de foliões, fotografias, letras de canções e análise de vídeos, com objetivo de proporcionar uma leitura aprofundada sobre o assunto.

Palavras-chaves: Folia de Reis. Memória. Peregrinação. Rituais.

The practices and representations of Companhia de Reis Fernandes - Olímpia/São Paulo (1964-2014)

Abstract: The Folia de Reis, a merrymaking which has sacred and profane characteristics, is one of the most popular religious festivities in the state of São Paulo. The objective of this text is to analyze the trajectory of the Companhia de Reis Fernandes, founded by Celso Fernandes, which for over 60 years has participated in the devout festivities dedicated to the Holy Kings in the city of Olímpia/SP. For this purpose, a comparative study was conducted between the period when the peregrination took place in the rural area and later in the urban area. In this sense, we analyzed the symbols and characters that make up the practices and representations of this manifestation, replete with myths and rituals. Testimonies of revelers, photographs, song lyrics, and video analysis were used to analyze these components present in the Folia de Reis, with the aim of providing an in-depth understanding of the subject.

* Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) na linha História e Cultura Social. É mestre pela mesma instituição em História e Sociedade, na linha Identidades Culturais, Etnicidades, Migrações. E-mail: ph.victorasso@unesp.br.

Keywords: Folia de Reis. Memory. Peregrination. Rituals.

Introdução

A Folia de Reis,¹ folguedo com características do sagrado e do profano, é um dos festejos religiosos mais populares no estado de São Paulo². Neste artigo iremos apresentar um desdobramento de nossa dissertação de mestrado (Victorasso, 2015), no qual analisamos os símbolos, mitos e rituais que compõem as práticas e representações da Folia de Reis desenvolvida pelo grupo Companhia de Reis Fernandes do município de Olímpia,³ localizado no interior do estado de São Paulo, fundada por Celso Fernandes, que há mais de 60 anos participa das festividades devotas aos Santos Reis.⁴

O festejo da Folia de Reis tem como objetivo reproduzir a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do menino Jesus: “Os foliões partem à meia-noite, no Natal – quando os Magos teriam recebido o misterioso aviso – e encerram a sua jornada no dia de Reis” (Castro; Couto, 1961, p. 3). A encenação da jornada dos Três Reis Magos é parte integrante do ritual, sendo assim, os foliões⁵ reúnem-se todos anos com a intenção de representar essas divindades, visitando casas em fazendas e na cidade com o intuito de anunciar o nascimento de Jesus, com música e celebração.

Na Companhia de Reis Fernandes, o grupo é formado por cantores e

1 “No cenário brasileiro, são muitas as denominações atribuídas às *Folias de Reis*. Chamam-nas de *Festas de Reis* ou de *Santo(s) Reis*, *Reisados*, *Ternos de Reis*, *Reis*, entre outras nomenclaturas [...]” (Goulart, 2023, p. 15).

2 Para mais informações sobre o tema ler: Castro e Couto (1961), Brandão (1977), Correia e Machado (2013), Victorasso (2015) e Goulart (2023).

3 O município de Olímpia localiza-se na região Noroeste do estado de São Paulo e encontra-se a 429 km da capital paulista.

4 O objetivo desta dissertação de mestrado foi compreender as permanências e transformações nas práticas e representações culturais da Companhia, em decorrência das mudanças sociais e econômicas que marcaram a transição do espaço da festa. Esta investigação se deteve entre os anos de 1964-2014. A primeira data marca o início das atividades desse grupo, época na qual os foliões já residiam na cidade, mas desenvolviam a peregrinação integralmente na zona rural do município; com o período de deslocamento do giro, essa atividade passou a ocorrer na zona urbana. As variações nessa prática cultural reforçaram a necessidade de que essa análise se prolongasse até as atividades realizadas pelo grupo em 2014 (ano de conclusão da nossa pesquisa).

5 Nas Folias de Reis, o folião é um devoto que desenvolve alguma função dentro do grupo que faz a peregrinação em nome dos Santos Reis.

instrumentistas. Segundo os foliões, toda Companhia de Reis que canta à *mineira*⁶ é composta por embaixador (mestre), contramestre, ajudante, contrato, quarta voz, quinta voz, requinta, ajudante da requinta, caixeiro. Além destes personagens responsáveis pelo canto e instrumentação, há outros componentes: dois palhaços, que o grupo denomina de fardados, fantasiados com roupas coloridas e máscara. São os protetores da bandeira, dançam e fazem rimas durante as visitas, e também há um bandeireiro, que conduz a bandeira sempre à frente do grupo, simbolizando a estrela que guiou os Três Reis Magos até o menino Jesus (Victorasso, 2015).

A jornada realizada pelo grupo é chamada de giro,⁷ devido ao trajeto, no qual os foliões dão início e finalizam a viagem no mesmo local (a casa do gerente), fazendo menção a um movimento circular. Nesse percurso, eles recebem doações de alimentos e dinheiro, que são utilizados na festa da Chegada da Bandeira que acontece, desde a fundação do grupo, sempre no primeiro sábado depois do dia 6 de janeiro.

Em Olímpia já existiram e ainda existem vários grupos de Folias de Reis, então, deve-se perguntar, por que estudar a Companhia de Reis Fernandes? Qual seria sua importância no contexto local? Qual a sua origem? Pois bem, no período em que foram produzidas as pesquisas que originaram este trabalho existiam doze grupos de Folias de Reis, entre estes o grupo escolhido para a investigação era o mais antigo em atividade de maneira ininterrupta nessas práticas festivas e detinha grande representatividade para a comunidade local.

As peregrinações dessa Companhia começaram quando o folião Celso Fernandes fez uma promessa para os Três Reis Santos. Ao alcançar a sua graça, por sete anos consecutivos ele saiu com a Folia de Reis sendo que todo dinheiro arrecadado durante o giro era revertido para a festa de encerramento, aberta a toda a comunidade, nomeada pelo grupo como Chegada da Bandeira que, desde o início acontece no primeiro sábado após o dia 6 de janeiro (dia de Santos Reis). Depois de cumprir os sete anos, um fazendeiro promesseiro, interessado em pagar uma promessa, pediu que a família Fernandes continuasse a jornada em homenagem aos santos em seu nome. Desde então esse ciclo festivo repetiu por inúmeras vezes, e no ano de 2024 completou 60 anos de atividades.

Essa longevidade nos traz alguns questionamentos importantes: por que entre tantos grupos que já existiram em Olímpia, a Companhia de Reis Fernandes se destaca

6 Entre as Companhias de Reis de Olímpia é muito comum ouvir os termos: *folia baiana*, *folia paulista* e *folia mineira*. Tais denominações são usadas para definir os estilos de cada grupo, os quais contam com diferenças nos ritmos, instrumentos e número de cantores. De acordo com os foliões entrevistados, a Companhia de Reis Fernandes é uma *folia mineira*, cuja única diferença em relação à *folia paulista* são as músicas, pois a toada, o número de vozes e os instrumentos utilizados são os mesmos. No entanto, as *folias baianas*, por sua vez, se diferenciam bastante porque, além dos ritmos serem diferentes, apenas dois foliões cantam e também utilizam a flauta, instrumento que não é utilizado pelos mineiros nem pelos paulistas (Victorasso, 2015).

7 “Giro” é o nome dado pelos foliões para o período de peregrinação em que eles saem de casa em casa anunciando o nascimento de Jesus Cristo, representando a jornada dos Magos do Oriente.

e consegue manter suas atividades há tanto tempo? Qual a importância da bandeira para os seus integrantes? Nesse grupo sempre existiu a figura do palhaço? Qual é a influência do festeiro na realização da peregrinação? Buscando responder estas questões elaboramos esta reflexão sobre a estrutura do grupo, assim como os mitos, símbolos e rituais compreendidos por essa Companhia, que possibilitaram uma leitura sobre a trajetória e as transformações nessa festividade, assim como seu impacto na comunidade local.

É recorrente que as informações acerca do festejo da Folia de Reis sejam provenientes de pesquisas elaboradas por folcloristas, sociólogos, etnógrafos, memorialistas, geógrafos e músicos, de acordo com os interesses e métodos específicos de cada área. Entretanto, apenas nas últimas décadas, as festas se tornaram alvo de estudos da História, como evidencia o historiador Durval de Albuquerque Júnior (2011), o qual esclarece a postura dos historiadores, que marginalizavam temas sobre as manifestações festivas deixando esse assunto ao cargo principalmente dos folcloristas e etnógrafos, pois estes acreditavam que nos costumes e festejos do povo se encontraria a verdadeira identidade nacional.

No entanto, as festas não são manifestações autênticas da identidade nacional, como defendiam os folcloristas, mas sim espaços de negociações, tensões, conflitos e alianças entre as diversas segmentações, definindo, assim, as permissões, proibições, o que deve ser incluído ou excluído nas tradições (Albuquerque Júnior, 2011, p. 148).

Segundo Ferreira, nas sociedades contemporâneas preocupadas com a perda do sentido do passado e com o aprofundamento da capacidade de esquecer, as comemorações exercem um papel importante no processo de redefinição de identidades (Ferreira, 1997). Desta forma, o estudo das festas nos permite conhecer diferentes aspectos que envolvem o cotidiano das coletividades humanas.

Sendo assim, nossa temática dialoga com o campo da História Cultural e trabalha com o conceito de *cultura como representação*, tendo como principal aporte teórico o trabalho de Roger Chartier, que afirma a necessidade de identificar todos os símbolos e considerar como simbólicos todos os signos, atos ou objetos que consolidam a organização do mundo social ou natural, assim o conceito de símbolo é a extensão máxima do conceito de representação. De acordo com Chartier (1995), não existe uma barreira fixa entre o erudito e o popular, mas sim uma dinâmica cultural.

Nesse sentido, não é possível compreender a cultura popular como algo concreto, único e pertencente a determinado grupo ou objeto. Deste modo, a Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes foi analisada em seu contexto e em suas singularidades, visando o período, a demarcação espacial, os grupos participantes e as questões sociais e econômicas que perpassam o festejo. Assim, entendemos que múltiplas leituras podem surgir de uma mesma prática cultural, de acordo com quem se apropria dela, em que época se dá essa apropriação e quais significados ela recebe.

Para tanto, a coleta de depoimentos orais constitui-se como principal fonte

histórica para o encaminhamento deste estudo, visto que o grupo abordado não produziu documentação escrita durante o período de atividade. A História Oral consiste no método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista para o registro de narrativas da experiência humana. Esse método foi importante para a produção de fontes, pois as manifestações das Folias de Reis são detectadas em relatos de experiência dos membros da Companhia, abrindo, assim, a possibilidade para a abordagem de novas interpretações de suas realidades sociais.

Entretanto, a História Oral não pode ser vista apenas como uma técnica, pois ela tem contribuído muito para a sociedade local ou nacional, com a preservação da memória de indivíduos, grupos e instituições; sendo usada também em projetos de natureza social para a construção ou reconstrução da identidade individual e coletiva (Victorasso, 2015).

Desta forma, o núcleo de entrevistados foi composto por pessoas de diferentes gerações, que participaram ativamente de alguma maneira da realização dos festejos dessa Companhia de Reis. As entrevistas não foram restritas apenas aos foliões que saem em peregrinação. Também foram ouvidos alguns dos filhos de Celso Fernandes, fundador do grupo, que vivenciaram muitas experiências e que muito contribuíram para os resultados da pesquisa.

Para a realização da pesquisa foi fundamental o contato com a Companhia de Reis Fernandes, principalmente com o dono/gerente da Folia, o senhor Nilson José Fernandes, que possibilitou a formulação de uma lista com os nomes de pessoas que fazem ou já fizeram parte do grupo entre os anos de 1964 e 2014, assim como a indicação dos contatos dos filhos de Celso Fernandes.⁸ Muitos dos foliões que participavam do festejo antigamente já faleceram, contudo, como critério de análise, foram escolhidas pessoas cujo vínculo com a Companhia de Reis fosse mais antigo, para que assim fosse possível traçar uma análise de como eram as práticas e rituais do grupo antes e depois da transição do festejo. Vale ressaltar que a maior parte dos entrevistados ainda participava das festividades aos Santos Reis em 2014, fator que foi determinante na escolha do núcleo.

Vale destacar que também foi realizada junto à Companhia de Reis a coleta de canções, fotografias, vídeos, assim como a participação ativa durante a peregrinação do grupo, pois a experiência de proximidade com a Folia de Reis foi fundamental para os resultados da investigação.

A produção de fotografias das práticas realizadas pelo grupo durante o percurso da Folia de Reis e sua análise foram importantes para o entendimento desses materiais que trazem a percepção e o olhar do receptor (o pesquisador) e não de seus

8 A lista de entrevistados foi composta por: Nilson Fernandes (filho do fundador/gerente/contrato), Sebastião Togneri (genro do fundador/mestre/embaixador), Rubens José de Carvalho (4ª voz), Roberto José de Carvalho (contramestre), Aparecida Donizete de Souza Fernandes (nora do fundador/tala), Dorival Ribeiro (palhaço), Nelson Fernandes (filho do fundador), Nadir Maria Fernandes (filha do fundador), Arnaldo Luís Nardelli (genro do fundador/palhaço).

protagonistas. Esse material imagético foi essencial por permitir, a partir desse registro, recuperar cena a cena o desenrolar do ritual, dando assim, condições a uma análise mais verticalizada do seu acontecer. Desta maneira, a compreensão das imagens levou em consideração contextos de comunicação, da historicidade de sua interpretação e de suas especificidades culturais (Joly, 1996, p. 135-136).

Esses documentos foram analisados juntamente com as fontes orais, visando à reconstituição da memória desse grupo na perspectiva de conseguir respostas às questões levantadas no decurso deste estudo, visto que a memória constitui um elemento importante para o reconhecimento e valorização de indivíduos e grupos, então até mesmo uma memória constituída efetua um trabalho “de manutenção, de renovação, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização” (Ferreira, 1997, p. 157).

Partindo das fontes históricas mencionadas anteriormente, analisamos os símbolos e personagens que compõem as práticas e representações dessa manifestação cultural, repleta de mitos e rituais, com o objetivo de proporcionar uma leitura aprofundada sobre o objeto de estudo.

Durante o ciclo natalino, essa Companhia de Reis é esperada pelos devotos, que recebem com muito anseio em suas casas os representantes dos Santos Reis e a bandeira sagrada. A peregrinação dessa Folia visita um elevado número de residências, o que indica sua importância na comunidade na qual está inserida.

A bandeira

Toda a comunidade, devotos dos santos ou não, esperam ansiosamente pela festa da Chegada da Bandeira, sempre realizada com muita fartura e aberta a toda população do município. No âmbito local, os membros da Companhia de Reis assumem um papel de importância social e religiosa ao se tornarem parte de um grupo de prestígio, reconhecido e valorizado pela comunidade.

A Folia de Reis é uma prática cultural complexa, com características do sagrado e do profano, que durante seus rituais carrega elevada carga simbólica. De acordo com Carlos Rodrigues Brandão, a “Folia de Reis é um exemplo privilegiado da complexidade de símbolos e de práticas do catolicismo popular”⁹ (Brandão, 1981, p. 49). Nesse sentido, é necessário analisar os rituais e os símbolos que a compõem, a começar pela bandeira, elemento fundamental para a existência de uma Companhia de Reis, pois ela é a representação material das divindades.

A bandeira faz parte da cultura material do grupo e os rituais em torno dela

9 As Foliás de Reis inserem-se no denominado catolicismo popular ou tradicional brasileiro, que tem como característica a prática religiosa leiga, isto é, sem contar com a intervenção do clero para sua realização (Victorasso, 2015).

podem ser vinculados à busca por qualidade de vida e purificação, estabelecendo assim uma ligação direta com o sagrado. Esse tipo de interpretação pode ser desenvolvida a partir da fala do embaixador Sebastião Togneri, que relata a prática comum de pendurar fotografias e fitas na bandeira (ex-votos),¹⁰ as quais, com o passar do tempo, podem se desprender sozinhas.

Aí é isso aí, a pessoa que faz a promessa coloca lá, se nós estamos andando no giro e alguma fita cair, nós não podemos colocar ela de volta na bandeira, porque ela é considerada que já foi cumprida aquela promessa dela, da pessoa que colocou! Então no caso daquela fita, o primeiro rio que nós passarmos, a gente joga ela rio abaixo, fotografia também, entendeu como que é? (Sebastião Togneri, 2014).

Nesse caso, é considerado que aquela promessa foi cumprida, assim, esses elementos são jogados em água corrente, estabelecendo um contato direto com a natureza, ou seja, realizando um processo de purificação.

Segundo os foliões, outra regra importante é que a bandeira deve necessariamente ser pintada a mão, “porque para fazer a bandeira, a pessoa não faz um santo e coloca, tem que ser desenhado no tecido, não pode ser posto, tem que ser desenhado! Então é muito difícil a pessoa que faz isso hoje!” (Dorival Ribeiro, 2013).



Figura 1 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes.
Fonte: foto de Nadir Fernandes (1970).

10 Os ex-votos são uma forma de pagamento efetuado ao santo através de uma representação iconográfica do objeto de bênção, como, por exemplo, fotografia da pessoa beneficiada pelo santo ou modelagem das partes do corpo, afetadas por alguma doença, que foram curadas. “O ex-voto é, portanto, também um símbolo do oferecimento pessoal e direto aos santos” (Zaluar, 1983, p. 90).

Ao analisar a Figura 1, que foi produzida durante o giro de 1970, ou seja, nos primeiros anos da Companhia, nota-se que o pano de fundo é branco, o que pode ser visto como uma representação de pureza, de paz.

De acordo com Joly, esse tipo de análise também deve valer-se da interpretação das cores, da iluminação e das formas, assim, a percepção do historiador frente a essas fontes deve ser a percepção cultural (Joly, 1996, p. 100-101). Nesse sentido, devemos reforçar a mistura de cores que atribui uma beleza ímpar a esta bandeira (Figura 1). Essa explosão cromática chama atenção das pessoas que a recebem durante as visitas, as inúmeras fitas coloridas e enfeites ressaltam o poder que esta representação espiritual tem para seus devotos, pois muitos destes enfeites são de promessas cumpridas.



Figura 2 – A bandeira da Companhia de Reis Fernandes.
Fonte: foto de Pedro Victorasso (2010).

Na Companhia de Reis Fernandes, a bandeira é a mesma desde 1964 e, antes de sair para o giro, foi benzida em uma igreja católica. Nela há uma pintura dos Três Reis Magos como pedem as normas, mas também, hoje em dia, nota-se que ela está completamente coberta de ex-votos, como se pode ver na Figura 2, o que faz com que ela seja considerada como uma bandeira que já concedeu muitos milagres. De acordo com a imagem e com o depoimento do embaixador Sebastião Togneri, compreende-se que essa bandeira é canhota, segundo o depoente, ela “não é que nem as outras, se você pegar normal você vai pegar errado, aí o santo vai ficar de frente para você e de costa para o pessoal!” (Sebastião Togneri, 2014).

Os foliões consideram a bandeira a guia do grupo, assim, durante as entrevistas, por diversas vezes essas pessoas se referiam à bandeira como “estrela da guia”. Sendo assim, essa é uma representação material dos Santos Reis, mas também uma representação da

estrela que guiou os três magos até o encontro de Jesus Cristo. Desta forma, a bandeira é sempre levada à frente da Folia de Reis, e uma das normas mais importantes é que sem a guia eles não vão a lugar nenhum. Sobre esse simbolismo, Dorival Ribeiro explica que a bandeira “chama-se estrela da guia. Por que estrela da guia? Porque os três Reis do Oriente estão estampados nela, que na época os próprios três Reis também tiveram uma estrela da guia, que guiou eles até onde o menino Jesus tinha nascido” (Dorival Ribeiro, 2013).

Portanto, percebemos que a bandeira é um elemento carregado de simbolismos, de extrema importância para a existência da peregrinação e todos os rituais que ela envolve. Para ampliar nossa análise é importante entender a trajetória dessa Folia de Reis, traçando um comparativo entre o período em que o giro ocorria na zona rural e, posteriormente, na zona urbana, assim será possível compreender as mudanças e as adaptações nas práticas deste grupo ao longo do tempo.

A peregrinação e seus rituais

Vale ressaltar que a Companhia de Reis Fernandes iniciou suas atividades devotas aos Santos Reis no ano de 1964, período no qual o município já possuía no perímetro urbano uma população superior à rural.¹¹ Contudo, mesmo assim, o grupo fazia sua jornada durante o ciclo natalino apenas na zona rural. Esse tipo de situação acontecia devido ao fato da maior parte dos devotos dos Santos Reis, mesmo após a erradicação do café, ainda permanecerem nas colônias que estavam aos poucos se esvaziando.

Embora o giro ocorresse no perímetro campestre, a festa da Chegada da Bandeira quase sempre foi realizada na cidade, sendo assim, a filha de Celso Fernandes, dona Nadir Fernandes relata que para o transporte da carne dos animais recebidos como doação era necessária uma autorização expedida pela Prefeitura Municipal, caso contrário, essa carne poderia ser interditada. Porém, quanto a isso não há nenhum relato sobre problemas.

Porque quando meu pai saía, então para ele, que ai buscava, tinha que matar as novilhas na fazenda, só que aí tinha que pegar esse papel, da prefeitura, para poder buscar, porque de repente, se vinha vindo com essa carne, no carro ou no caminhão,

11 De acordo com o memorialista olimpiense José Marangoni, no fim do ano de 1950 houve uma erradicação das lavouras cafeeiras no estado de São Paulo gerando grandes prejuízos para a economia do município de Olímpia, que estava em pleno desenvolvimento devido à produção agrícola. Em virtude da crise, houve aumento do desemprego e as colônias (vilarejos formados na zona rural) começaram a esvaziar, pois os trabalhadores, à procura de emprego, se mudaram para a zona urbana do município. Baseado nas estatísticas publicadas na época, o autor aponta que antes da erradicação do café, a população urbana era de aproximadamente 7.000 habitantes e a da zona rural 44.000, entretanto, o esvaziamento da zona rural ocorreu de maneira gradual (Marangoni, 2003).

porque meu marido sempre teve condução, caminhão essas coisas, então ia matar lá no sítio, depois trazia. Então tinha que ter essa autorização da prefeitura, porque se o fiscal parasse, de repente pegasse um fiscal, então poderia ser interditada aquela carne porque estava sem autorização, mas sempre tinha lá do matadouro, que tinha antigamente o matadouro aqui em Olímpia. Então sempre tinha essa autorização, meu pai sempre levava junto! (Nadir Fernandes, 2013).

Durante essa época, os foliões eram quase todos aposentados ou autônomos, o que facilitava deixar o emprego do dia de Natal e retornar apenas após o dia 6 de janeiro, dia dos Santos Reis. Esses homens saíam a pé, levando consigo apenas uma mochila com roupas e produtos de higiene pessoal. Também carregavam a bandeira, seus instrumentos e as prendas recebidas durante o giro. Apenas no caso de ganho de novilho eles voltavam, depois de encerrarem o giro, para buscar a doação.

Esse processo perdurou até o ano de 1999, pois nesse período o campo estava praticamente vazio, sobretudo devido ao plantio da cana-de-açúcar e à substituição de mão de obra humana por máquinas. A partir desse ano a peregrinação passou a ocorrer com maior intensidade no perímetro urbano, visitando apenas algumas casas nos sítios de antigos devotos que faziam questão de marcar com antecedência.

Porque nos sítios todo mundo foi plantando cana, foi acabando com o café, acabando com a lavoura, então o povo não tinha o que fazer no sítio e teve que vir para a cidade para poder sobreviver! Se eles ficassem no sítio não tinha o que fazer, então tinha que vender, foi saindo, o cara que tocava café foi arrancando foi obrigado a sair, então foi quando a cidade foi crescendo, crescendo e o sítio foi ficando sem ninguém. (Arnaldo Luís Nardelli, 2013).

Muitos foliões enfrentaram essa crise e tiveram que deixar sua roça para procurar emprego na cidade. Essa situação econômica é sentida pelos integrantes da Companhia, pois enquanto trabalhavam na zona rural faziam suas economias para saírem durante o giro. Hoje, devido às configurações do mercado de trabalho, eles não são mais autônomos e dependem de seus patrões para saírem com a Folia de Reis, e os autônomos ou aposentados também sentem as dificuldades impostas pela economia atual, o que impossibilita que eles parem de trabalhar por tantos dias.

Antigamente o povo trabalhava mais por conta, todo mundo tocava sua roça, serviço por dia, muito serviço por ano, mas quando chegava a época de Reis, porque naquela época nossa moeda valia, eu quando casei, quase cinquenta anos atrás, se eu pegasse uma semana de serviço minha eu comia quase dois meses, o dinheiro tinha valor! Hoje é diferente! Hoje pega um monte de dinheiro para você comprar pouquinha coisa! (Roberto José de Carvalho, 2013).

Sendo assim, hoje em dia os foliões trabalham normalmente durante o giro e após

o expediente saem algumas noites durante a semana. O giro passou a se concentrar mais nos finais de semana, mudança que os obrigou a iniciar as atividades antes do dia 25 de dezembro, rompendo as antigas normas do ritual, pois, caso contrário, a festa da Chegada da Bandeira seria prejudica pela redução de doações.

E fica muito difícil, igual o nosso embaixador, então ele tem o compromisso dele, ele trabalha para as Lojas Amarelinhas, então, às vezes, ele viaja para cidades fora, a gente tem que esperar ele chegar, às vezes a gente combina de sair às 17h, a gente acaba saindo às 18h! Vai encurtando o tempo, ficou com mais dificuldades para sair sim nesse termo! (Dorival Ribeiro, 2013).

O relato acima retrata bem essas dificuldades atuais enfrentadas pelos foliões durante o giro. Assim, antigamente eles sofriam pelos percalços durante o percurso na zona rural, já hoje em dia, esses senhores sofrem pelo cansaço, pois, pouco descansam durante os dias do giro. Mesmo alguns que notavelmente têm problemas de saúde fazem questão de continuar essa missão que, ainda que com algumas mudanças, mantém um sentido de penitência.

O êxodo rural foi sentido pelos foliões, todos eles, sem exceções, apontam que a mudança do giro para a cidade se deveu ao esvaziamento das colônias rurais. Todos destacam também a influência econômica nessa transição, pois antes os fazendeiros precisavam de muitos colonos para trabalhar nas roças de café e de laranja, assim, com a substituição dessas culturas pela cana-de-açúcar e a consequente mecanização do campo, esses devotos também saíram da zona rural para tentar a sorte na cidade.

Os entrevistados apontam que antigamente os devotos estavam em sua maioria nas casas de fazendas, como hoje não há quase mais ninguém, eles praticamente não vão à zona rural. No entanto, os foliões deixam claro que mesmo o giro acontecendo quase que integralmente na cidade, se houver um ou dois devotos que solicitem sua visita, eles se deslocarão até lá, pois essa é a missão deles. O depoimento a seguir ilustra o que foi apontado neste parágrafo.

Porque na zona rural de primeiro, você chegava à colônia, você para cantar naquela colônia, você levava o dia inteiro, agora você anda aí quatro, cinco fazendas, você acha um morando na fazenda! Não adianta, tem de ir onde está o povo! Cantar para poder arrecadar, porque se você para em um canto não dá a festa! (Sebastião Togneri, 2014).

A mudança de espaço da festa gerou algumas variações nos rituais, como será elucidado ao longo do texto, porém, é necessário destacar que o falecimento do fundador do grupo, senhor Celso Fernandes, também foi um catalizador dessas transformações. Após sua morte, o antigo gerente, seu filho Nilson Fernandes, assumiu a gerência da Companhia e seu genro, Sebastião Togneri, passou a assumir a função de embaixador,

dando, assim, continuidade às atividades da Folia de Reis.

Enquanto a Companhia de Reis Fernandes saía para a peregrinação na zona rural e o embaixador era o senhor Celso Fernandes, o grupo tinha como costume fazer o trajeto saindo da direção leste para chegar ao oeste, entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, para que assim completassem o giro e voltassem para suas casas. Os foliões cantavam no dia de Natal, rezavam o terço, cantavam e faziam uma coreografia que eles chamam de meia-lua, em seguida saíam para as fazendas. Nesse período eles andavam a pé, sem hora para almoçar ou dormir, pois dependiam do “macuco”¹² para agendar seus pousos.

De acordo com Dorival Ribeiro, havia dificuldades durante o giro antigamente, mas o sofrimento deles era com prazer, pois eles tinham como exemplo Jesus Cristo, que sofreu para um bem maior. Dorival explica que “você sai numa Companhia de Reis, nós passávamos em atoleiro, vaca corria atrás, mas aquilo tudo era gostoso, porque nós estávamos servindo aos três Reis Santos! Porque é o que os três Reis fez pelo menino Jesus, o nosso criador!” (Dorival Ribeira, 2013). Nesse sentido, as barreiras encontradas também eram uma maneira de simbolizar o caminho percorrido pelos Santos Reis.

Segundo o embaixador Sebastião Togneri, seu sogro era bem rígido com as práticas e rituais e tudo deveria ser segundo as normas. No depoimento de Sebastião, se torna evidente o caráter de penitência que permeava essa Folia de Reis, mas, apesar das dificuldades, para ele era recompensador:

E o meu sogro tinha isso, nesses onze dias ele não deixava tomar pinga, nem voltar em casa, era direto, só voltava dia 6! Ele não deixava nós tomarmos banho, não deixava nós fazermos a barba, lavar roupa não tinha jeito, então nós voltávamos daquele jeito! Era difícil! Mas era gostoso! Nós sofriamos muito! Mas era bom! (Sebastião Togneri, 2014).

Durante esse período também nota-se que havia uma maior integração entre foliões e devotos, pois os membros da Companhia dormiam nas fazendas e após suas apresentações sagradas havia um jantar, seguido de modas de viola e catiras,¹³ prática que se perdeu nos dias de hoje, pois os foliões voltam todas as noites para suas residências. Segundo o folião Roberto José de Carvalho, no dia seguinte, ao acordarem, seguiam adiante com a peregrinação.

12 De acordo com os foliões, este personagem não existe mais no grupo, no entanto, o macuco era um folião que não tocava instrumentos e não cantava, ele era responsável por carregar as prendas que a Companhia recebia durante o giro na zona rural, pois todos andavam a pé. Outra função desse integrante era o agendamento de almoços e jantares. Esse personagem deixou de existir a partir do momento em que, com a aquisição de automóveis, o giro passou a contar com carros que faziam o transporte dessas doações, e também com a transição do festejo para a cidade, os jantares passaram a ser combinados por telefone.

13 Dança em que o ritmo é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos.

Só que não tinha horário previsto para chegar, geralmente era 20h30, 21h, aquele tempo ninguém usava esse horário de verão do povo da roça, nós cantávamos, às vezes ficava até tarde depois da janta, o povo batia catira, moda de viola e depois ficava até as tantas! No outro dia acordava de manhã, cada um saía para um canto ali, escovava os dentes, lavava o rosto, penteava o cabelo, jogava a toalha, porque todos os foliões têm que ter a toalha, geralmente, essas últimas Companhias não têm dado, enxugava o rosto e cantava a música de despedida! (Roberto José de Carvalho, 2013).

As principais situações de rituais desenvolvidas durante o giro da Companhia de Reis em análise são: saída da bandeira, giro de visita, pouso de almoço, pouso de jantar, retirada da bandeira, “canto para o falecido”, homenagem a folião falecido e pôr fim a “Chegada da Bandeira”, com direito à festa aberta a toda comunidade. Com menor frequência, pode acontecer o encontro de duas Companhias durante o giro. Esse tipo de encontro gera também algumas práticas rituais. Para uma melhor compreensão, cada uma dessas situações será elucidada de acordo com os depoimentos, fotografias e anotações produzidas durante o acompanhamento dos giros dessa companhia entre os anos de 2010 e 2014, muitas vezes em comparação com a peregrinação realizada antigamente na zona rural.

Ao presenciar uma cantoria da Folia de Reis, percebe-se a combinação quase perfeita das vozes e dos instrumentos, porém, há de se destacar que o grupo ensaia poucas vezes antes de sair para o giro, apenas para entrosar as vozes e conversar sobre a peregrinação do ano. Para Sebastião Togneri, “do jeito que está agora a Companhia, a gente faz um ensaio na véspera da saída sabe?” (Sebastião Togneri, 2014). Isso se dá, pois a maioria dos foliões tocam e cantam juntos há anos, assim, dispensam muitos ensaios devido a certo entrosamento que já possuem.

De acordo com depoimentos, antes de saírem, a bandeira que ficou durante o ano todo no altar na casa do gerente da folia é retirada para iniciar um novo giro. Esse ritual não é muito complexo, mas faz-se necessária a presença do festeiro.

No tempo em que o giro acontecia integralmente na zona rural, era comum a reza do terço para a saída da Companhia e também na Chegada da Bandeira. Quando o grupo partia para a peregrinação no dia de Natal, ao meio-dia era rezado o terço, logo após os foliões saíam rumo às estradas de terra do município. Porém, a reza do terço não se limita apenas a essas datas, pois no caso de, durante alguma visita, um devoto por promessa solicitar a reza de um terço, esta é prontamente realizada (Sebastião Togneri, 2014).

No giro de visita, a Folia de Reis passa de casa em casa arrecadando ofertas e prendas, que vão de simples quantias até doações de bois, carneiros e porcos. Todos os donativos são revertidos para a festa, que ocorre sempre no primeiro sábado após o dia 6 de janeiro (dia de Santos Reis). O grupo passa de porta em porta e em algumas casas as pessoas aceitam apenas a bandeira.

Em outras casas, de devotos ou não, é permitida a entrada da Companhia para que ela possa se apresentar. Ao entrar na casa, de acordo com o que for visualizado (presépio, imagens de santos, árvore de Natal) são criados os versos, de maneira improvisada, mas sempre na mesma toada. Se a casa tiver um presépio, o mestre canta louvando todos os personagens que o compõe, em algumas situações essa apresentação pode ser longa. Durante a canção é pedida alguma esmola e, após o agradecimento, o palhaço pede que a dona da casa leve a estrela da guia (a bandeira) até a porta. Também é possível notar que durante o giro os foliões se abstêm de seus vícios, mas após cumprir suas obrigações sagradas, eles podem voltar a beber e fumar.

É muito comum ouvir relatos sobre problemas com bebidas nas Companhias de Reis, contudo, no grupo abordado pela pesquisa desde sua fundação foram instituídas regras rígidas em relação a bebidas. Como apontado anteriormente, Celso Fernandes era um homem muito exigente, assim, enquanto ele foi embaixador durante o giro era proibido qualquer bebida alcoólica. Todavia, após seu falecimento, algumas regras foram flexibilizadas, então, as bebidas são aceitas após as apresentações e com a condição de serem controladas pelo embaixador, que divide uma pequena porção para cada um. O embaixador Sebastião Togneri diz: “Aí então eu pego uma xícara só para todo mundo, não tem esse negócio de uma xícara para cada um não, pego uma xícara e dou um pouco para cada, acabou lá eu falo para você guardar” (Sebastião Togneri, 2014).

Embora tenha ocorrido essa mudança em relação ao álcool, ainda é fato que nesse grupo não se aceita que um folião se apresente ou fique embriagado durante o giro. O folião Roberto José de Carvalho, de forma irreverente, responde sobre as bebidas durante a peregrinação da seguinte maneira: “Não pode embriagar! Mas tomar pouco pode! Se o álcool alegra o coração do homem e na bíblia sagrada está escrito, ué!” (Roberto José de Carvalho, 2013).

Em algumas situações, os devotos oferecem refeições ao grupo como uma promessa ou agradecimento por graça alcançada. Nesse caso, a folia é avisada com antecedência. Quando é o caso de almoço, a folia faz a refeição e continua o giro, mas no caso da janta, a companhia deixa para encerrar o dia no pouso combinado. Após o encerramento das cantorias, o dono da casa guarda a bandeira, a máscara do palhaço e o facão, que permanecerão na casa até o próximo dia. Antes do jantar, geralmente o palhaço faz uma louvação na mesa de refeição, louvando tudo que nela estiver, como também, quem preparou a comida.

Sobre a louvação de presépio, ou de mesa de almoço ou jantar, ou alguma homenagem, o folião Dorival Ribeiro diz que “até ele fica surpreso com as suas falas, porque isso vem do espírito santo”. Segundo ele “isso aparece na cabeça sem que ele tenha a menor ideia de que vai acontecer e ou fazer” (Dorival Ribeiro, 2013). Hoje em dia, após o jantar, os foliões retornam para suas casas, diferentemente da prática corrente no passado em que esse momento era dedicado às modas de viola e a dançar catira.

Percebemos que as bases das rimas tanto nas canções quanto nas louvações se mantêm as mesmas, porém há uma variação de acordo com os pedidos da família e dos elementos visualizados por esse cantor ou orador. Durante o canto de “Pedido de pouso e jantar”, o embaixador dialoga a partir da música com a dona da casa. Ele se apresenta como um representante dos Três Reis Magos, que estão ali no caminho de sua viagem, cujo destino final é o encontro com Jesus. Nesse sentido, toda a oração em forma de música direciona os pedidos e agradecimentos aos santos, que ficarão encarregados de levar essas preces até Deus.

A retirada da bandeira da residência de pouso e de jantar acontece no dia seguinte, para que a folia prossiga com sua jornada. Para essa situação, a folia possui um ritual específico, no qual o grupo se posiciona em frente ao local e o palhaço pede licença à dona da casa para entrar. A folia inicia sua toada com o mestre cantando versos referentes à Santíssima Trindade. Em seguida, agradece a dona da casa por ter aceitado que a bandeira permanecesse em seu lar e, ainda em versos, pede para que se traga a bandeira ao local. Com a chegada da bandeira, o palhaço se ajoelha e a beija, em reverência. O mestre prossegue desejando graças no caso de algum pedido ou promessa por parte da dona da casa, e, por fim, agradece-lhe os alimentos oferecidos aos foliões. O palhaço pergunta se a folia pode cantar a música de despedida para que os mesmos prossigam no seu giro.

No “canto de retirada da bandeira”, os foliões vão buscar o elemento mais importante para a continuidade de seu ritual e, em versos, o embaixador faz menção a santos católicos, possivelmente pelo fato da família visitada possuir imagens no interior da casa. Em seguida, após agradecer os alimentos e a doação recebida, os foliões cantam reforçando o pedido daquela pessoa aos santos e garantem que àquela família tudo será dado em dobro pelas divindades.

Em alguns casos, a dona da casa pode pedir o “canto para falecido” em homenagem a algum parente. Vale ressaltar que, no caso de o dono da casa solicitar alguma canção específica, é preciso que se pague uma nova oferta. No caso do “canto para falecido”, especificamente, o dinheiro é deixado no chão e o palhaço pega com a ponta do facão. Na execução desse canto, a dona da casa se ajoelha juntamente com o palhaço e permanece até que, ao final dos versos, o mestre da folia dê a permissão para que eles possam se levantar. Quando há mais de um palhaço, eles cruzam o facão durante o ritual, pode-se perceber que esse movimento tem como intenção representar a cruz, símbolo sagrado para os cristãos. Nota-se que durante a execução não há presença dos instrumentos de percussão (meia-lua, pandeiro e bumbo), devido ao caráter póstumo da toada. Quando este canto é solicitado, a folia, por respeito ao falecido, não pode mais tocar. Nesse caso, não há a música de despedida. O dinheiro recebido pelo canto, assim como toda a arrecadação, é destinado à festa de Chegada da Bandeira.

Canto para o falecido¹⁴

Transcrito por: Ronaldo Matos (2016)

Ai Deus Ah como é doido oi ai
 Pra canta pro falecido oi ai
 Pra canta pro falecido ai oh (tala)
 Tantos ano aqui viveu oi ai
 Nessa hora separado oi ai
 Nessa hora separado ai oh (tala)
 Tudo o que Deus faiz é bão oi ai
 Vois precisa conformar ai ai
 Vois precisa conformar ai oh (tala)
 A senhora vai dormir ai ai
 Não precisa imaginar oi ai
 Não precisa imaginar ai oh (tala)
 As almas dos seus finado oi ai
 Com o Senhor aos céus estará ai ai
 Com o Senhor aos céus estará ai oh (tala)
 Faça o sinal da cruz oi ai
 Pois já pode alevantar oi ai
 Pois já pode alevantar ai oh (tala)
 Vai olha aqui meu guardião oi ai
 Escute o que eu vou falar ai ai
 Escute o que eu vou falar ai oh (tala)
 Já fizeste obrigação oi ai
 Pois já pode alevantar oi ai
 Pois já pode alevantar ai oh (tala)

Assim como em todos os outros cantos, esse tem como intenção levar essas preces até as divindades, para que elas garantam uma boa pós-morte a esses parentes falecidos.

Esses rituais relatados ocorrem com frequência até o dia 6 de janeiro. Nessa data, o grupo faz o último dia de giro, que é esperado ansiosamente por muitas residências, pois é dia dos Santos Reis. Quando se aproximam as 21h é iniciado um terço em homenagem aos santos, geralmente na casa de algum devoto mais antigo. Após o terço,

14 Ronaldo Aparecido Matos é graduado em música pela Universidade estadual de Londrina (UEL) e mestre em Etnomusicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), desenvolveu a pesquisa intitulada “Os cantos da companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo”, trabalho no qual a Companhia de Reis abordada é a mesma de nossa pesquisa. O contato com esse profissional foi essencial para troca de informações e um melhor conhecimento sobre questões relacionadas à música nas Folias de Reis.

os foliões se deslocam para a última casa de pouso para jantar. Sendo assim, ao fim dos rituais, a bandeira seguirá protegida pelo dono da casa até o próximo sábado, dia que marca a chegada da bandeira e fim do giro. Caso algum folião ou colaborador da folia (churrasqueiro ou cozinheira) falecer durante o ano, antes dos rituais da “Chegada da Bandeira”, são prestadas homenagens ao folião falecido. Na chegada do dia 15 de janeiro de 2011 houve uma homenagem a um folião falecido que havia sido fardado por muitos anos e, mesmo após deixar de ser fardado, ajudava todo ano como churrasqueiro. Vale citar o desenrolar desse ritual, assim como visualizá-lo na Figura 3.



Figura 3 – Homenagem ao folião falecido antes do início da chegada da bandeira.

Fonte: foto de Pedro Henrique Victorasso (15 de janeiro de 2011).

Antes dos tradicionais arcos de bambu havia uma foto do folião, uma farda de palhaço, um avental, uma tábua, um espeto e uma faca de churrasco (Figura 3). Os músicos pararam de tocar seus instrumentos e os fardados pediram licença, se ajoelharam, tiraram a máscara e cruzaram os facões (assim como durante o canto para o falecido). Inicia-se a toada, com uma música saudando o folião para sua família. Os palhaços permanecem ajoelhados, quando vai se aproximando o fim da cantoria, eles descruzam os facões, pegam as máscaras e se levantam. A família do falecido fica à frente dos arcos e recebe uma homenagem, no caso, uma louvação feita pelo palhaço Dorival Ribeiro que depois inicia uma oração de “Pai Nosso” em conjunto com todos os presentes. Após essa situação, as peças que estavam no chão são levantadas e mostradas para as pessoas e, em seguida, entregues à família. Ao final desse ato solene é iniciada uma salva de palmas. Depois, o fardado pede licença ao festeiro para assim poder iniciar os rituais referentes à Chegada.

O último ritual que compõe a jornada da companhia é a festa da “Chegada da

Bandeira”. No primeiro sábado após o dia 6 de janeiro, durante o período da manhã que antecede o festejo, a mobilização entre os foliões é geral para os preparativos da Chegada. Nota-se a presença dos foliões e seus familiares, assim como dos vizinhos do bairro. Os homens assam toda a carne recebida como doação e guardam em grandes isopores. As mulheres preparam outras comidas, como a farofa e a mandioca. Elas decoram os instrumentos, confeccionam a coroa do festeiro e retocam as fardas, mas também são responsáveis pela decoração do salão, preparando os três arcos e pendurando as bandeirinhas coloridas.

No período da tarde, os foliões executam a retirada da bandeira do pouso, da mesma maneira que fora citado anteriormente. Após retirar a bandeira do pouso, a folia se desloca para a casa do gerente, onde executam um rápido ensaio. Assim, começam a tocar, todos vestidos com camisas iguais, com uma flor na lapela, lenços nos ombros e instrumentos todos decorados com fitas coloridas e flores. Depois do ensaio, antes de sair da casa, o grupo faz uma coreografia simples chamada caracol e sai em direção ao local da festa, que desde o falecimento de Celso Fernandes tem acontecido no salão de festas da Igreja da comunidade; antes disso, ela acontecia na casa da família do gerente.

Vale ressaltar que, desde o início da Companhia de Reis Fernandes, a festa da Chegada da Bandeira sempre foi realizada na cidade, com exceção de algum festeiro que fazia questão de levar essa festa para a sua fazenda. Porém, segundo relatos dos foliões, quase todas as festas foram realizadas no bairro Jardim Paulista.

Durante o trajeto, a companhia é acompanhada por várias pessoas do bairro, os foliões seguem andando e tocando seus instrumentos, sem cantar; já os palhaços dançam e soltam gritos, brincando com as crianças e simulando lutas. A Figura 4, fotografada por Nadir Fernandes, em 1970, evidencia um verdadeiro desfile durante o trajeto até o local da festa. Nessa época, a caminhada mantinha a seguinte formação: à frente duas crianças segurando uma faixa com o nome do grupo, em seguida vinha a bandeireira segurando a bandeira do grupo, logo atrás estavam os palhaços seguidos por três homens que representavam os Magos do Oriente e, por último, vinham os cantores e instrumentistas, respeitando a hierarquia já mencionada.



Figura 4 – “Chegada da Bandeira”.
Fonte: foto de Nadir Fernandes (1970).

Do ano de 2000, a Figura 5, fotografia tirada por Neide Fernandes durante a mesma festividade, aponta para uma variação nesse ritual, pois os representantes dos três Reis Magos não acompanhavam mais o grupo durante o desfile, mas esperavam no primeiro arco de bambu. Percebemos que essa Companhia sempre foi preocupada com a estética do festejo, visto que em ambos os períodos nota-se uma preocupação com a decoração e vestimenta de personagens bíblicos que, embora não acompanhem o grupo durante o giro, fazem parte da história encenada.



Figura 5 – Representações dos três Reis Magos na Chegada da Bandeira.
Fonte: foto de Neide Fernandes (2000).

A partir de 2010 foi possível acompanhar esse ritual. Nesse sentido, a descrição a seguir é referente a anotações produzidas durante o acompanhamento da “Chegada da Bandeira”, de 9 de janeiro de 2010. Nessa ocasião, com a chegada da Companhia ao local da festa, houve muita comemoração e rojões. O grupo encontrou à frente dos arcos o festeiro, que usava uma coroa, e atrás dos arcos ficavam três homens vestidos de Magos do Oriente.



Figura 6 – Os três arcos de bambu.

Fonte: foto de Pedro Henrique Victorasso (9 de janeiro de 2010).

Vale ressaltar que os arcos de bambu (Figura 6), que sempre são vistos na “Chegada da Bandeira” da Companhia de Reis Fernandes, também são dotados de significações. Como é possível notar na fotografia tirada antes do início das festividades, no dia 9 de janeiro de 2010, esses arcos são colocados à frente do portão do salão e são decorados com bandeirinhas coloridas. Segundo o relato do folião Dorival Ribeiro (2013), estes arcos são muito importantes por serem considerados representações dos pontos cruciais da viagem dos Reis Magos. Explica ele que o primeiro arco remete a quando os três Reis se encontraram, no local que ele chama de Campo Celeste. Diz ele que o primeiro arco significa a primeira estação, onde se encontraram pela primeira vez e pegaram o caminho juntos. O segundo arco remete à segunda estação, quando chegaram ao encontro de Herodes. Ali foram alimentados e receberam o pedido para que encontrassem o menino e o avisassem sobre o local para que ele também pudesse adorá-lo. O terceiro e último arco representa Simeão (personagem bíblico), que só pediu a morte quando pegou o menino Jesus nos braços, dizendo que após reconhecer o novo rei e salvador do mundo poderia morrer em paz, foi nesse momento que os três Reis chegaram e fizeram a adoração e entrega dos presentes. “Simeão estava presente e recebeu os Magos” (Dorival Ribeiro, 2013). Essa interpretação elaborada por Dorival

Ribeiro reforça o que já fora mencionado anteriormente, que muitas das significações empregadas nos símbolos e rituais desse grupo são retirados de episódios bíblicos. Nesse caso específico, pode-se apontar que o personagem bíblico Simeão não está presente no texto escrito por São Mateus sobre os Magos do Oriente, mas esse personagem aparece no livro de outro apóstolo, São Lucas, em outro texto sobre o nascimento de Jesus. Vale ressaltar que essas versões não são complementares e que os magos aparecem apenas no texto do já mencionado autor, porém, na apropriação feita por essa Companhia há uma fusão dessas narrativas sobre o nascimento de Cristo.

Prosseguindo, assim que o grupo chega aos arcos, os palhaços chamam pelo festeiro e pedem licença para iniciar a chegada, após ter a licença concedida, inicia-se o ritual. Os foliões iniciam uma toada, enquanto a bandeira é passada para as mãos do festeiro. A folia canta versos sobre o nascimento de Jesus, em seguida, o fardado inicia a saudação ao primeiro arco. Após terminar, o palhaço toma a frente e conversa com o festeiro em nome da Companhia pedindo para prosseguir para o próximo arco (Figura 7). Mas, antes de seguir para o próximo arco, os palhaços precisam conferir se o caminho está seguro. Nesse momento eles usam seus facões para cortar o barbante com bandeirinhas que fechava a passagem e batem nos arcos (antes do início da festa, o festeiro esconde notas de dinheiro e balas nos arcos) (Figura 8). Depois de encontrar as notas de dinheiro e balas escondidas nos arcos, o palhaço saúda a todos com vivas e a folia segue andando na mesma formação. Na chegada ao segundo arco, se inicia uma nova toada, a situação se repete nos dois próximos arcos, porém, com versos e louvações diferentes.



Figura 7 – Diálogo durante a chegada da bandeira.
Fonte: foto de Pedro Henrique Victorasso (9 de janeiro de 2010).



Figura 8 – Palhaços procurando balas e notas de dinheiro escondidas no arco. Fonte: foto de Foto de Pedro Henrique Victorasso. (9 de janeiro de 2010).

Ao passar pelos três arcos, os foliões chegam a um altar (com imagens de santos, de pessoas falecidas e flores), que tem ao lado um presépio vivo, com pessoas representando a família sagrada (Figura 9), assim como as pessoas vestidas de Reis Magos. Os palhaços tiram suas máscaras e ajoelham-se diante do menino Jesus. Nesse momento, os foliões começam uma nova toada, fazendo uma louvação. Durante todo o ritual, o festeiro segura a bandeira nas mãos e assim que a folia encerra a toada, a bandeira é colocada no altar. Logo após, é rezado um terço a pedido do festeiro, no qual nem todos no salão participam, mas todos respeitam em silêncio.



Figura 9 – Presépio vivo durante a Chegada da Bandeira. Fonte: foto de Pedro Henrique Victorasso (9 de janeiro de 2010).

A reza do terço durante a Chegada da Bandeira é uma prática que foi mantida ao longo dos anos da Companhia de Reis Fernandes. Depois de concluídas as atividades religiosas, inicia-se a parte profana do festejo que, segundo o gerente da Companhia, geralmente recebe cerca de 800 a 1000 pessoas, cálculo baseado na quantidade de alimentos distribuída na ocasião (Nilson Fernandes, 2013).

No festejo de 2010, a comida começou a ser servida juntamente com o refrigerante. Esse momento passa a ser de confraternização, quando os foliões comemoram com o povo a jornada cumprida, compartilhando tudo que foi ofertado aos santos. Na ocasião, os foliões aproveitaram seus instrumentos e tocaram músicas sertanejas. Notou-se que muitas pessoas presentes na festa não receberam a folia em suas casas, fato que não incomoda os foliões, que fazem questão de destacar, como o folião Dorival Ribeiro, que o festejo “é para todos os filhos de Deus” (Dorival Ribeiro, 2013).

O ritual de despedida é efetuado após a distribuição de churrasco e refrigerante, quando no salão encontra-se um número reduzido de pessoas. Nesse momento, o embaixador inicia uma nova cantoria agradecendo todas as pessoas que trabalharam para a efetivação da Chegada da Bandeira. Sendo assim, o festeiro se posiciona com a bandeira, enquanto os foliões se organizam conforme sua hierarquia, para, enfim, iniciarem a toada que não difere de outras apresentações. Entretanto, o conteúdo dos versos é criado para agradecer cada participante, o que requer criatividade do embaixador. Após agradecer a todos os presentes, o mestre começa os agradecimentos aos foliões, que conforme são agradecidos param de cantar e tocar seus instrumentos um a um. O ritual é finalizado com as famosas vivas dos fardados. Na sequência, o gerente da Companhia recolhe a bandeira que será utilizada novamente apenas no próximo giro. No ano seguinte, todas essas situações e rituais serão repetidos de acordo com os costumes.

Durante a análise dos símbolos e rituais presentes na Companhia de Reis Fernandes, pôde-se concluir que houve mudanças provocadas por fatores econômicos, pois os foliões já não podiam tirar tantos dias de folga para a jornada. Antes, muitos eram autônomos e tinham suas roças, agora, na cidade, a maioria deles tem que acatar as ordens de seu empregador. Assim, pode-se notar uma primeira mudança no ritual, segundo a qual os foliões deixam de seguir rigidamente as datas do giro, passando a sair dias antes do Natal, em automóveis, voltando todos os dias para suas casas, mas mantendo o giro até o dia 6.

As mudanças na transposição do giro afetaram a Companhia de Reis Fernandes também no quesito doações, pois, como apontam os foliões, na zona rural elas eram muito mais fartas, já na cidade, as pessoas não têm tantas condições assim, principalmente os mais pobres. Os foliões esclarecem que as promessas para os Santos Reis continuaram, mesmo na cidade, o que reduziu foi a fartura, pois antigamente todos tinham suas criações nos sítios, independente da classe social. Essa redução nas doações acabou impactando na hora da realização da festa, gerando uma dificuldade

maior, apesar de os relatos indicarem que a festa em si continua muito farta.

Nota-se também que nas cidades há um aumento significativo de outras religiões, principalmente de evangélicos, que não acreditam em santos. Assim, a Folia de Reis, uma prática enraizada no catolicismo, encontra novas barreiras para sua execução, pois algumas casas não a recebem mais, e segundo o folião Nilson Fernandes, “quando a folia chega hoje em dia, não se faz mais festa como antigamente” (Nilson Fernandes, 2013).

Outro aspecto relevante percebido no decorrer da pesquisa corresponde às mudanças sociais, pois segundo os foliões, houve uma mudança brusca no modo como os devotos os recebiam durante as visitas da Companhia. Os integrantes do grupo apontam que na época em que o giro ocorria na zona rural, as pessoas recebiam a Folia de Reis com muita festa, com flores e alegria, já hoje em dia, as pessoas não têm o mesmo entusiasmo e devoção. Para o gerente da Companhia Nilson Fernandes, “Hoje você canta na cidade, não! Você chega, bate numa casa, te recebem, tem pessoas que mesmo sendo católicos te recebem de má vontade! Não é aquela alegria de antigamente! Hoje não! Hoje é tudo diferente! Mudou muito! Mudou barbaridade! (Nilson Fernandes, 2013). Nesse sentido, pode-se comparar esse episódio à falta de reconhecimento por um trabalho bem feito, pois antigamente as pessoas conferiam muito prestígio a esse grupo, reconhecendo seu papel de intermédio entre os homens e as divindades.

As transformações sociais demandaram também mudanças de hábitos e costumes vivenciados pelos membros da Companhia e suas famílias, que geralmente são as grandes responsáveis pela manutenção dessa manifestação. Com o passar dos anos, as pessoas mais velhas que moravam na zona rural e eram devotas dos Santos Reis faleceram. Essa queda no número de devotos, aliada às mudanças já citadas, tem dificultado a continuidade da Folia.

No bairro em que a Companhia de Reis Fernandes desenvolve suas atividades há mais de 50 anos, o reconhecimento ainda é muito forte, e muito desse reconhecimento se deve à seriedade e devoção do fundador do grupo Celso Fernandes, que enquanto morou na cidade, residiu nesse bairro. Senhor Nilson, filho do fundador e atual gerente, afirma que ainda hoje as pessoas perguntam sobre a “Folia do Senhor Celso”, assim como alguns relatam que sentem a presença dele quando o grupo está tocando.

Em vista disso, os entrevistados que fazem parte da família Fernandes têm uma visão negativa sobre a continuidade do grupo no futuro, pois não está sendo realizada uma renovação, como sempre aconteceu. Esse fato se deve, sim, às mudanças comportamentais, entretanto, o fator principal para essa nova geração não demonstrar interesse em participar da Companhia é falta da influência direta do patriarca da família.

Considerações finais

Portanto, podemos concluir que a Companhia de Reis analisada passou por um processo de transformações em suas práticas e representações, cujos principais motivos se devem à mudança do ambiente do festejo, assim como posteriormente ao falecimento do fundador do grupo, Celso Fernandes, figura importante para a manutenção dessa Companhia. Nesse período abordado, foi possível perceber que os rituais e símbolos dessa manifestação passaram por mudanças que influenciaram os foliões, criando um movimento de desconstrução de alguns elementos, por um lado, e construindo novas práticas e representações que foram incorporadas ao festejo, por outro. Sabe-se que essas mudanças foram estimuladas por diversos fatores da esfera macro e micro da sociedade, cujo grupo vivenciou e foi envolvido de forma significativa. Esses fatores que atravessam essa Companhia de Reis e seus integrantes estão diretamente relacionados à continuidade do grupo ao longo desses anos, diferente de muitos outros grupos que acabaram desaparecendo.

Contudo, nesse dinamismo das transformações culturais que levaram a perdas e inovações nos diversos costumes ligados à Folia de Reis, aos olhos do pesquisador foi possível compreender todas as esferas da humanidade atuando nesse processo. Dessa forma, esse festejo tradicional na cidade de Olímpia possibilitou uma análise complexa de um grupo de pessoas comuns que compartilham uma identidade e uma importância social para o local em que está inserido. Entretanto, é importante ressaltar que, para os foliões que participam dessas práticas, o significado da Companhia da qual eles fazem parte é puramente religioso, uma manifestação de fé e devoção nos Santos Reis.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e Memória*, Assis v. 7, n. 1, p. 134-150, jun. 2011.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossamedes*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Funarte, 1961.
- CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- CORREIA, Iara Toscano; MACHADO, Maria Clara Tomaz. As Folias de Reis no Sertão das Gerais: expressões da religiosidade popular em Januária – MG. In: DIAS, Renato da Silva; ARAÚJO, Jeaneth Xavier de (Org.). *Representação do sertão: poder, cultura e identidade*. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 241-265.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral, comemorações e ética. *Projeto História*, São

Paulo, n. 15, p. 157-164, abr. 1997.

GOULART, Rafaela Sales. *Tradição como missão: história da preservação da memória e identidade das Folias de Reis em Ourinhos e Palmital (SP)*. Tese (Doutorado em História) – Unesp, Assis, SP, 2023.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 1996.

MARANGONI, José Maria de Jesus. *Olímpia: cidade menina-moça - 1966-2003*. v. 3. Olímpia: Centrograf, 2003.

MATOS, Ronaldo Aparecido de. *Os cantos da companhia de Reis Fernandes de Olímpia – São Paulo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – Unesp, São Paulo, SP, 2016.

VICTORASSO, Pedro Henrique. *A folia de reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Assis, SP, 2015.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

Fontes orais

CARVALHO, Roberto José de [out. 2013]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 17 out. 2013.

FERNANDES, Nadir [out. 2013]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 15 out. 2013.

FERNANDES, Nilson [out. 2013]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 14 out. 2013.

NARDELLI, Arnaldo Luís [out. 2013]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 18 out. 2013.

RIBEIRO, Dorival [out. 2013]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 16 out. 2013.

TOGNERI, Sebastião [maio 2014]. Entrevistador: Pedro Henrique Victorasso. Olímpia, SP, 8 maio 2014.

Recebido em 20/06/2024

Versão final reapresentada em 06/11/2024

Aprovado em 10/11/2024

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.